



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 17 | Nº. 33 | Jul./Dez. de 2025

Vitor Hugo de Oliveira-Lopes

Universidade Federal de Ouro Preto / UFOP.

vitorlopes0022@gmail.com

ESTUDOS RACIAIS DO PODCASTING: Uma proposta de possíveis operadores sonoros na busca pela consolidação do campo.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo propor operadores sonoros que viabilizem o desenvolvimento de estudos raciais do podcasting. Para tanto metodologicamente adotamos uma abordagem qualitativa e propositiva que combina a cartografia com a revisão narrativa de literatura. Os resultados revelam três operadores sonoros: estrutura racial do som, experiência sonora situada e cartografia sonora afetivo-racial.

Palavras-chave: Podcasting; Questões raciais; Operadores sonoros.

ABSTRACT

The aim of this article is to propose sound operators that make it possible to develop racial studies of podcasting. To this end, we adopted a qualitative and propositional approach that combines cartography with a narrative literature review. The results reveal three sound operators: racial sound structure, situated sound experience and affective-racial sound cartography.

Keywords: Podcasting; Racial issues; Sound operators.

Introdução

O *podcasting* completa 21 anos em outubro de 2025. Ele surgiu por meio de uma parceria entre o empreendedor Tristan Louis, o desenvolvedor Dave Winer e o apresentador Adam Curry, nos Estados Unidos da América (EUA) (Tigres, 2021). No Brasil, os estudos de *podcasting* estão em fase de consolidação no campo das Ciências da Comunicação, tanto como objeto empírico quanto como fenômeno midiático (Lopez et al., 2023a). Na perspectiva de Oliveira-Lopes (2025), propõem um olhar para o *podcasting* como uma linguagem radiofônica hipermidiática. O autor argumenta que esta linguagem é constituída por atos discursivos que remetem: a natureza tecnológica (*Really*

*Simple Syndication*¹), que modula a fala e influencia seus modos de circulação; aos elementos simbólicos – sonoros e hipermidiáticos –, resultando em um(a) processo, estrutura e esquematização discursiva próprios; às interações mediadas por dispositivos conectados à *internet*, delineando as instâncias de produção, circulação e consumo; e aos usos culturais, sociais e comerciais da linguagem. Assim, para o autor o *podcast* é um produto midiático sonoro digital resultante do funcionamento do *podcasting*. Portanto, como argumenta Lopez (2024), o *podcasting* deriva do rádio, inserindo-se nas pesquisas dos estudos radiofônicos.

Cabe reforçar que o *RSS*, tecnologia base do *podcasting*, é produto do Norte Global Ocidental. Isso não é um dado neutro: tecnologias, criadas e controladas por agentes deste eixo geopolítico, carregam consigo lógicas de circulação que frequentemente silenciam vozes. Aguiar e Silva (2024) refletem acerca das tecnologias e da decolonialidade e apresentam o uso do rádio na disseminação de visões de mundos, realizando críticas à modernidade e à tecnologização e a lógica extrativista que ainda são mantidas. No *podcasting*, por exemplo, isso pode operar nas lógicas de produção, circulação e consumo de conteúdos que são mediados por algoritmos especialmente quando trata-se de serviços de streaming e divulgação em redes sociais. O algoritmo pode operar apagando e silenciando conteúdos produzidos por pessoas de cor em detrimento de outros (Silva, 2022). Assim, não é distante a conclusão de que isso se estende

¹ Traduz-se como uma forma muito simples de distribuição (Oliveira, 2023). Em outras palavras, trata-se de uma tecnologia de transmissão de conteúdos com base na linguagem de programação (Tigres, 2021).

aos estudos de *podcasting* e rádio. Esse olhar para o *podcasting*, por si só, já revela a complexidade do fenômeno. Mas cabe reforçar a multidimensionalidade do objeto radiofônico que, como observaram Lopez e Chagas (2022), apresentam como eixos centrais:

“o som como guia da experiência (de produção, de escuta, de consumo); a integração narrativa entre elementos sonoros e parasonoros; a percepção contextual e diversa do objeto radiofônico, considerando seus lugares de ação; as tecnologias e suas apropriações nas práticas radiofônicas - incluindo as práticas de circulação e consumo - em um contexto de plataformização” (Lopez e Chagas, 2022, p.6).

Assim, ao assumir o *podcasting* como um objeto de pesquisa considera-se sua multidimensionalidade em relação aos sujeitos que os compõem, os contextos culturais, sociais, econômicos e as tecnologias principalmente no que diz respeito à circulação do conteúdo (Lopez e Chagas, 2022). A complexidade do *podcasting* pode ser enfrentada por meio da construção de uma arquitetura metodológica, que integre um conjunto de tomadas de decisões e viabilizem o percurso de uma pesquisa científica com base nas escolhas dos métodos, procedimentos, instrumentos, técnicas e ferramentas, compreendendo diferentes abordagens interagindo entre si (Meireles et al., 2024).

O presente artigo² parte da inquietação contemporânea inscrita nos estudos radiofônicos que se propõem a pensar as epistemologias que constituem o campo. Nesse sentido, o trabalho se debruça sobre os estudos das questões raciais em *podcasting*. Essa escolha se justifica porque, com base em Lopez, Betti e Freire (2024, p.1), há uma “baixa diversidade epistemológica dos estudos radiofônicos brasileiros, especialmente no que diz respeito às questões de raça”. Assim, adotou-se o que as autoras e o autor propõem como epistemologias plurais para os estudos radiofônico, esta perspectiva permite ampliar olhar para os corpos, tecnologias/dispositivos, sons, escuta entre outros

² Este artigo se vincula a dois projetos em desenvolvimento pelo Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor): “Metodologias de pesquisa para os estudos radiofônicos mineiros sob a perspectiva de gênero” e “Metodologias de pesquisa para os estudos radiofônicos: desafios para entender o campo”, coordenados pela primeira autora e financiados pela Fapemig e pelo CNPq.

aspectos que constituem o *podcasting* com uma multiplicidade de atravessamentos, considerando

“os sujeitos, suas experiências e a necessidade de questionar compreensões cristalizadas na organização científica ocidental, abrindo-se a olhares de origens múltiplas que buscam reformar protagonismos, relatos e combater silenciamentos construídos a partir do olhar singular ao fenômeno” (Lopez, Betti e Freire, 2024).

Temos como objetivo propor operadores sonoros que viabilizem o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas brasileiras em *podcasting* centradas nas questões raciais. A nossa hipótese principal é a de que os estudos de *podcasting* abordam a temática racial em segundo plano, apresentando categorias analíticas que replicam as histórias de silenciamento, apagamento e neutralização por meio de análises que carecem de marcadores racializados. É importante deixar claro que o estudo não pretende esgotar as possibilidades. Pelo contrário, a intenção é mostrar que esse é um campo de estudos potencial, que necessita ser explorado.

Para tanto, metodologicamente adotamos uma abordagem qualitativa propositiva, que combina o método cartográfico com a revisão de literatura. Passos, Kastrup e Escóssia (2009), caracterizam o método cartográfico como a investigação do plano de construção do conhecimento por meio de pistas e observações, que direcionam os caminhos a serem traçados pela pesquisa. Segundo as pesquisadoras Edna Rother (2007), Livia Cavalcante e Adélia Oliveira (2020), a revisão narrativa de literatura permite uma descrição e discussão ampliada, com objetivo de aproximar o pesquisador de um objeto de estudo. A amostra é composta por teses e dissertações sobre *podcasting* defendidas entre os anos de 2004 – ano de surgimento do *podcasting* – e março de 2023 – período de construção do banco de dados construídos pelo *Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor)*. Este recorte visa mapear a presença ou a ausência das questões raciais nos trabalhos presentes neste banco de dados, vale reconhecer que ele não contempla outras formas de produção acadêmica como artigos científicos, capítulos de livros e outros trabalhos não institucionalizados. No entanto, consideramos o recorte adequado para observar padrões na construção do campo na pós-graduação brasileira.

Assim, este texto se organiza em três caminhos principais: i) mapeamento da forma como as teses e dissertações brasileiras abordam as questões raciais em *podcasting*, discutindo os seus objetos empíricos, metodologias e categorias analíticas; (ii) identificação de teses e dissertações brasileiras que utilizam as categorias analíticas encontradas, incluindo a presença, ausência ou neutralização da raça; e (iii) proposição de categorias analíticas com base nas discussões empreendidas, tendo como horizonte a possibilidade de aprofundamento por meio da escuta de produções em *podcasts*.

METODOLOGIA

O caminho metodológico adotado neste estudo com abordagem qualitativa e propositiva parte do método cartográfico, com base nos pressupostos do acompanhamento de processos e de rastreio. Para Barros e Kastrup (2009), cartografar é acompanhar processos. Neste movimento, a atenção do pesquisador-cartógrafo se concentra em delinear percursos, como um mapa composto por redes que se conectam na medida em que emergem forças que movem a pesquisa. Um dos mecanismos desse processo é o rastreio – entendido como o acompanhamento atento das pistas que emergem da realidade investigada (Kastrup, 2009). Assim, a cartografia permite que o próprio campo “fale por si”, orientando os caminhos da investigação, situando-se contextualmente.

Estes princípios de acompanhamento e rastreio foram adotados durante o processo de busca e coleta de dados do estudo, que foram realizados em dois momentos distintos³. Adotamos o *Banco de dados: Teses e dissertações sobre podcasting - 2004 a março de 2023*, sistematizado por Lopez et al. (2023b). O banco de dados foi construído em colaboração entre os pesquisadores membros do *Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo* (ConJor), da Universidade Federal de Ouro Preto, e integra um projeto de pesquisa que busca revelar os desafios metodológicos no campo dos estudos radiofônicos, financiado pelo *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico* (CNPQ). O banco de dados foi construído a partir de uma busca pelo termo (com operador

³ Buscas e coletas realizadas respectivamente nos dias 28 de junho e 06 de julho de 2025.

booleano) *podcast** no catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), realizada entre os dias 13 e 20 de março de 2023 e conta com 193 trabalhos – entre teses e dissertações (Lopez et al., 2023b).

A partir do banco de dados sistematizado pelo ConJor, foram rastreados por meio de filtragens realizadas na coluna de “resumo” – presentes no banco de dados. O acompanhamento dos processos permitiu a aproximação com o campo na análise qualitativa das pesquisas que mobilizaram questões raciais durante a revisão narrativa. No rastreamento inicial, assumiu-se como pistas a busca pelos termos: “raça” (1), “racismo” (2), “racial” (2), “negro” (3), “negritude” (0), “negridade” (0), “preto” (0), “preditude” (0), “étnico-racial” (1), “etnia” (0), “colonialismo” (0), “colonial” (0), “colonização” (0), “decolonial” (3), “decolonização” (0) e “decolonialismo” (0).

Encontramos 15 trabalhos, entre dissertações e teses. Esses dados foram tratados com apoio de uma planilha do *Google docs*, onde foram retirados da amostra os trabalhos duplicados (7), os trabalhos não divulgados (1) e os trabalhos que não abordam explicitamente questões raciais (1), resultando em 6 trabalhos selecionados. Dessa forma, foi criada uma nova planilha contendo os seguintes dados: “Título”, “Autor”, “Tipo de trabalho”, “Ano de defesa”, “Resumo”, “Objetivo”, “Objeto empírico”, “Metodologia”, “Categorias/Operadores/Variáveis” e “Contribuições”. Esse primeiro tratamento dos dados incluiu a leitura dos tópicos: introdução, metodologia e considerações finais – de cada um dos trabalhos selecionados –, para preenchimento adequado das colunas da planilha viabilizando o mapeamento dos procedimentos metodológicos realizados nos estudos. Os resultados deram suporte para a realização de uma segunda filtragem. Em sequência ao mapeamento preliminar, buscou-se novas pistas com base nos apontamentos oriundos do processo descrito anteriormente, utilizando os termos: “enunciador” (0), “narração” (2) e “território” (1).

Dos cinco trabalhos encontrados, foram retirados três da amostra por não possuírem link de divulgação que viabilizasse a leitura dos trabalhos. Sendo assim, foram selecionados dois estudos, que permitiram a criação de uma nova planilha contendo os seguintes dados: “Título”, “Autor”, “Tipo de trabalho”, “Ano de defesa”, “Resumo”, “Objetivo”, “Metodologia”,

“Categorias/Variáveis/Operadores”. Com foco de leitura nos tópicos metodológicos dos estudos identificados.

Paralelamente ao percurso cartográfico, foi adotada a revisão narrativa de literatura como procedimento complementar, permitindo uma leitura ampliada e contextual da amostra. Segundo Rother (2007), Cavalcante e Oliveira (2020), esse tipo de revisão não se limita à sistematização descritiva dos trabalhos, mas possibilita uma análise qualitativa e interpretativa, articulando objetos, objetivos, metodologias e categorias acionadas na formação de mestres e doutores ao elaborarem seus estudos. dos estudos selecionados por meio da leitura parcial, como mencionado. Ao integrar esse recurso, buscamos compreender como as questões raciais são mobilizadas (ou silenciadas) nos processos de formação acadêmica.

Esta abordagem metodológica permitiu tanto o rastreio das presenças quanto a identificação das ausências no campo. Os resultados apresentados nas buscas sugerem um padrão de silenciamentos, especialmente em relação a termos como “preto”, “pretitude”, “negritude”, “colonialismo” e “enunciador”. Essas ausências podem ser compreendidas como indicativos de um processo mais amplo de apagamento, que atravessa o campo dos estudos de rádio e *podcasting* no Brasil (Lopez, Betti e Freire, 2024). Assim, os dados encontrados nos informam sobre como o campo é configurado.

A INSCRIÇÃO DAS QUESTÕES RACIAIS ABORDADAS NOS ESTUDOS DE PODCASTING BRASILEIROS

Segundo a amostra analisada, os estudos que mobilizam questões raciais em *podcasting* no Brasil foram desenvolvidos no escopo de dissertações de mestrado. Dos seis estudos identificados, apenas um está vinculado ao mestrado acadêmico, na área da comunicação. Os demais integram Programas de Pós-graduação (PPGs) profissional, com ênfase nos campos da educação, mais especificamente nos eixos de ensino de história (4) e ensino em saúde (1). Quanto ao gênero⁴ dos autores, quatro dissertações foram defendidas por

⁴ Cabe ressaltar que essa é uma observação com base no nome dos autores, não com base em uma autodeclaração. Sendo justo que estudos futuros busquem a autodeclaração de gênero estendendo a autodeclaração racial, para uma aproximação da realidade do campo.

autores homens e duas por autoras mulheres – proporção que também se repete em relação aos gêneros dos(as) orientadores(as). Além disso, iniciaram no ano de 2019, intensificando-se no ano de 2022.

Com exceção do título de um dos trabalhos (*Revista Claudia: representações do feminino e da beleza*), observa-se que o termo *podcast* está presente em todos os trabalhos. Termos como “racismo”, “História da África”, “Diversidade étnico-racial”, “periféricas” e “territorialidades amazônicas” aparecem de forma individualizada nos diferentes trabalhos, e dois trabalhos não apresentam em seus títulos termos relacionados a questões raciais. Em apenas um trabalho foi possível perceber a abordagem de gênero. O cenário sugere que, embora o *podcast* esteja no centro das investigações, as articulações com as questões raciais ainda são mobilizadas em segundo plano, revelando a necessidade de uma abordagem metodológica que reconheça a linguagem radiofônica hipermidiática como espaço de existências racializadas.

O predomínio de Programas de Pós-graduação (PPGs) profissional em educação indica uma ênfase na produção de materiais educacionais mediados por *podcast* no ensino de história. Essa predominância da área da educação reforça o uso social do *podcasting* como linguagem e a aplicação do *podcast* como ferramenta pedagógica (Prata, Avelar e Martins, 2021; Oliveira-Lopes, 2025), evidenciando a lacuna de abordagens racializadas nos PPGs em comunicação, que ainda operam sob paradigmas epistêmicos brancos (Lopez, Betti e Freire, 2024). A análise dos objetivos delimitados pelos trabalhos identificados revelam como isso ocorre.

A inscrição das questões raciais nos estudos de *podcasting* no Brasil. Três estudos propõem explicitamente a elaboração de *podcasts* educacionais que abordam a temática racial, para circulação dentro do ambiente escolar ou universitário, visando à conscientização dos alunos e funcionários acerca dos preconceitos e do racismo. As propostas estão relacionadas a contação de histórias, a partir de trajetórias pessoais dos indivíduos e a preservação destas memórias, enfatizando a sua relevância na produção de narrativas que vão contra a narrativa hegemônica – do homem branco, europeu heteronormativo, que não só constrói o campo dos estudos radiofônicos, como também constrói o país (Lopez, Betti e Freire, 2024). Outros dois trabalhos tem como objetivo analisar e despertar o olhar sobre questões raciais por meio da

representatividade midiática – ou não – dos sujeitos(as) negros(as) seja na História da África e seus impactos no Brasil ou na construção de identidades étnico-raciais diversas. E um estudo propõe uma reconfiguração epistemológica do campo sugerindo olhar para a *podosfera* a partir de uma definição conceitual caracterizado como um território propício às disputas de poder.

Isso revela que o *podcast* é uma mídia onde os sujeitos disputam por visibilidade, reconhecimento, pertencimento, espaço, direitos e igualdade. No entanto, essas disputas operam sob lógicas que consequentemente os silenciam – seja pelo escopo limitado das pesquisas, seja pelo funcionamento dos algoritmos. Os sujeitos-pesquisadores são implicados pela literatura eurocentrada que rege os campos de pesquisa, limitando os referenciais teóricos que são múltiplos em questão de produção do saber. Isso reforça questionamentos acerca do que é conhecimento? E qual desses conhecimentos são legítimos? Silenciando saberes que não são externos ao campo radiofônico já fundamentado (Kilomba, 2020; Lopez, Betti e Freire, 2024). Por exemplo, estudar como os discentes, docentes e funcionários se posicionam para, a partir disso, produzir um *podcast* (Silva, 2019b) é uma iniciativa legítima e necessária, mas nem sempre suficiente para provocar deslocamentos estruturais nas lógicas de circulação da mídia sonora digital.

Com base nisso, os ambientes de agregação de *podcasts* e *streaming* impõe padrões estéticos, narrativos e técnicos que podem inibir a diversidade e reforçar padrões hegemônicos de recomendação algorítmica (Silva, 2022; Gariglio et al., 2024; Sullivan, 2024). É válido ressaltar que este artigo não questiona o mérito das iniciativas descritas, mas propõe uma reflexão epistemológica nos modos de pesquisar a presença de questões raciais nos estudos de rádio e *podcasting*, conforme nos convoca Lopez; Betti e Freire (2024). É necessário – e urgente – como realizou Santos (2022) e como sinalizam Lopez, Betti e Freire (2024), redefinir teorias, métodos e categorias para compreender que a diversidade de sujeitos não são meramente representadas pelo *podcasting*. Mas sim constituintes da linguagem radiofônica hipermidiática, com seus corpos, vozes, escolhas musicais e de efeitos sonoros, silêncios, ruídos, escolhas técnicas, dispositivos, *softwares*, *hardwares* e conteúdos (Lopez e Chagas, 2022; Lopez et al., 2023c; Oliveira-Lopes, 2025).

O cenário ressalta a necessidade de construir caminhos em que pautas temáticas e sujeitos(as) não apenas sejam incluídos de maneira generalizada pelo *podcasting*, mas o constituem com suas singularidades. Para isso, é preciso romper com o pacto silencioso da branquitude intrínseco na constituição dos campos de estudos (Bento, 2022). Essa discussão se torna ainda mais evidente quando observa-se os objetos empíricos, as metodologias e as categorias de análise mobilizadas nos estudos.

A análise dos objetos empíricos reforça a ênfase dos estudos identificados na área do ensino (3) – “ensino em saúde”, “ensino de história da África” e “ensino de história” –, e nas formas de invisibilização dos(as) sujeitos(as) por meio de instituições sociais opressivas (violência de raça e de gênero) (2), além de sugerir o reforço de estereótipos. Apesar de observarmos a presença histórica de um território (Bairro Guajuviras) e da *podosfera* como objeto, não há deslocamento das questões raciais para que sejam vistas como parte constituinte do *podcasting* como linguagem. Diante dos objetos identificados observamos que os estudos mobilizam diferentes metodologias, são elas: análise de capas de revista (1), entrevista (1), estética antropofágica (1), estudo transversal (1) e sequência didática (2). Essas metodologias estão de acordo com o esperado para atingirem os objetivos delineados pelos estudos. No entanto, as abordagens metodológicas adotadas, não contemplam, em termos funcionais, categorias, operadores ou variáveis relacionados a linguagem radiofônica hipermidiática nem atravessamentos com marcadores raciais ou de gênero, conforme apontaram Lopez e Chagas (2022), Lopez, Betti e Freire (2024).

A análise das metodologias resultou na identificação de três categorias, presentes no mesmo estudo – *Aprendendo história com os ‘guardiões da memória’: o uso do podcast no ensino de História da África e da diversidade étnico-racial*. Embora o estudo utilize a sequência didática, sua proposição se dá com base nos *Griô* (*Griof*⁵), revelando assim as categorias: enunciadador; narração e território. Essas categorias apresentam potencial para inclusão de marcadores raciais no estudo racial do *podcasting*, ainda mais quando surgem de uma tradição afrocentrada como no caso dos *Griôs*.

⁵ Indivíduos pertencentes a tradição africana responsáveis pela transmissão oral de histórias (Afonso, 2022).

Os dados revelam que a inscrição das questões raciais abordadas nos estudos de *podcasting* brasileiros, em sua maioria, ocorre: (a) sob autoria e orientação masculinas; (b) são desenvolvidos em PPGs profissionais na área da educação; (c) se concentram no estudo de temáticas raciais para levantamento de pautas que viabilizem a elaboração de um *podcast* como recurso pedagógico inseridos em uma estrutura escolar ou acadêmica. As categorias mobilizadas nos estudos analisados, atuam com um viés neutro, que naturaliza apagamentos e impede que a linguagem radiofônica hipermidiática seja pensada como lugar de construção de subjetividades de sujeitos não brancos. Com base nesta análise, foram identificadas as categorias mobilizadas nos estudos selecionados, ainda que de forma limitada. Isso possibilitou o mapeamento de outros estudos de *podcasting* por meio das novas pistas: “enunciador”, “narração” e “território”; conforme discutido no tópico de metodologia. A análise de como essas categorias são aplicadas nos estudos de *podcasting* pode indicar silenciamentos acerca das questões raciais.

CATEGORIAS ACIONADAS NAS PESQUISAS DESENVOLVIDAS NO BRASIL

A análise proposta neste tópico não se restringe aos estudos que abordam diretamente questões raciais, mas sim àqueles que mobilizam categorias analíticas com potencial de racialização. Nos dedicamos a explorar de que forma essas categorias operam nos estudos selecionados, indicando sinais de presença, ausência ou neutralização de marcadores raciais. Isso contribuiu para a proposição de operadores sonoros, como será feito no tópico seguinte. A partir das pistas identificadas no tópico anterior, observa-se que os termos “enunciador”, “narração” e “território” aparecem de forma isolada nos dois estudos selecionados.

A amostra é composta por uma tese de doutorado e uma dissertação de mestrado. Ambos desenvolvidos em Programas de Pós-graduação (PPGs) acadêmicos e defendidos nos anos de 2020 e 2022, respectivamente. Um dos trabalhos é de autoria feminina e o outro é de autoria masculina, ambos orientados por mulheres. A tese está vinculada à área da Educação Escolar e a dissertação, ao campo do Jornalismo. No conjunto, há um estudo que mobiliza

a categoria “narração” e outro que aciona “território”, o termo “enunciador” não apareceu em nenhum dos estudos presentes no banco de dados.

A ausência do termo “enunciador” na busca pode indicar uma omissão quanto à participação do(a) sujeito(a) branco ou não branco na construção dos *podcasts*, por parte dos estudos analisados. É possível que essa ausência esteja relacionada à substituição do termo pela nomenclatura *podcaster*⁶. No entanto, a racialização dos(as) sujeitos(as) enunciadore(s) é tanto possível quanto necessária à consolidação de um campo de estudos, ultrapassando o escopo da representação. Entende-se aqui o enunciador como o(a) sujeito(a) responsável pela orientação de uma fala (Charaudeau e Maingueneau, 2006) – e, no campo do sonoro, como aquele(a) que elabora um projeto acústico ancorado em sua experiência de vida (Alves, 2020). Como defendem Alves (2020), Lopez e Chagas (2022) e Oliveira-Lopes (2025), o(a) sujeito(a) enunciadore(a) realiza escolhas técnicas que estruturam a linguagem radiofônica hipermidiática. Tais escolhas não podem ser dissociadas de marcadores como raça, gênero e classe social. Embora o termo *podcaster* não tenha sido incluído como um descritor neste artigo – pela delimitação da nossa abordagem metodológica –, sugere-se que a figura racializada do sujeito(a) enunciadore(a) pode ser invisibilizada nos estudos do campo. Sinalizamos, portanto, a necessidade de inclusão de marcadores raciais para ampliar o olhar para essas presenças silenciadas, permitindo reconhecer camadas de subjetividade inscritas nos diferentes modos de enunciar.

A busca pelo termo “narração” identificou o estudo intitulado *Elementos da linguagem sonora nos podcasts jornalísticos The Tip Off, On The Media, Panorama CBN e O Assunto*, defendida por Luis David Falcão Padilha (2022). A dissertação, apesar de não focar explicitamente na narração ou na narrativa, tem como objetivo analisar como a produção jornalística sonora se apropria do áudio, discutindo conceitos relacionados ao rádio, ao *podcast* e aos elementos sonoros. Isso evidencia a aproximação inerente entre o rádio e o *podcast*, ressaltando as suas relações por meio da linguagem radiofônica, no entanto, desconsidera questões relacionadas à circulação da linguagem em contexto hipermidiático. Oliveira-Lopes (2025) argumenta que o ambiente digital proporciona elementos

⁶ No campo dos estudos de *podcasting*, o *podcaster* é relacionado ao produtor dos conteúdos (Assis, 2011).

que são constituintes da linguagem, intervindo no seu processo de significação. Isso reforça e replica movimentos de opressão e dominação operadas por meio dos algoritmos (Silva, 2022; Aguiar e Silva, 2024). Em sua dissertação, Padilha (2022), realiza uma adaptação da metodologia de análise de imagem para uma aplicação em áudio, que consiste na identificação, descrição e análise da presença de elementos sonoros nos episódios selecionados. Embora a discussão acerca dos elementos sonoros no trabalho de Padilha (2022) tenha sido embasada por autores consolidados no campo dos estudos radiofônicos, como Luiz Artur Ferraretto e Eduardo Meditsch, apresentando, entre os elementos analisados, a voz, a música, o efeito sonoro e o silêncio, sem aprofundamento subjetivo.

Apesar de essa discussão dar o suporte necessário para a proposta metodológica do autor, quando se trata de voz se faz necessário considerar questões relacionadas ao timbre, à entonação (Balsebre, 1994), à corporeidade da voz (Spritzer, 2005) e o uso de gírias como estratégia de aproximação (Pessoa, 2005). A música em uma cena sonora, por exemplo, apresenta funções que expressam sentimento, ambientam, descrevem e caracterizam personagens e programas (Balsebre, 1994). O efeito sonoro recria ambientes, objetos e a sonificação possibilita a recriação de dados através de sensações de urgência e polaridades (Balsebre, 1994; Jauregui e Lopez, 2021). O silêncio, conforme observado por Padilha (2022) atua como marca de pontuação. No entanto, intencional – ou não – o silêncio ultrapassa os limites da pontuação, revelando transições entre cenas sonoras, silenciamentos e proibições (Balsebre, 1994; Orlandi, 2007). Além disso, Padilha (2022), não contempla aspectos específicos relacionados à montagem sonora (Kaplún, 2017). Seja de forma consciente ou inconsciente, as escolhas desses elementos produzem sentidos ou não por meio da montagem sonora, a omissão desses elementos na constituição da análise sugere um apagamento de marcadores que, por meio da escuta, possibilitem a identificação de gestos, vícios de fala, música e efeito sonoro que revelem sentimentos, personagens, ambientes e experiências de vida que podem carregar traços intrínsecos às subjetividades plurais (Lope, Betti e Freire, 2024).

O termo “território” revela a tese *Narrativas Benjaminianas: descrição e engenhosidade como figuras pedagógicas possíveis*, com autoria de Cesira Elisa De Favari (2020). O estudo tem como objetivo analisar as narrativas como

potencial exploratório no ensino, apresentando conceitos relacionados à filosofia da linguagem, narrativa escrita e radiofônica, rádio e *podcast*. As discussões partem dos textos reunidos a partir das postulações de Walter Benjamin realizadas em palestras da rádio e de autores como Maria Rita Kehl, Renato Franco, Jeanne Marie Gagnebin entre outros autores, que analisam tais observações (Favari, 2020). Tais articulações promovem a compreensão dos ensinamentos e experiências compartilhadas pelo autor alemão, situando o tema e possibilitando a discussão acerca da transposição destes conceitos para o tempo atual e para os *podcasts*. Em sua análise bibliográfica, Favari (2020), utilizou como categorias as cidades, os narradores e as ruínas, conceitos fundamentados por Walter Benjamin e que possibilitaram a sumarização de suas obras, apesar de serem conceitos imbricados.

As cidades foram caracterizadas como os espaços que compõem a sua dimensão geográfica e estética, como: os comércios, as feiras, as casas alugadas, asfaltos, calçadas e fábricas. Os narradores incluem diversos sujeitos(as) e suas experiências de vida com a mesma relevância, abrangendo feirantes, escritores, meninos de rua, bruxas, bandoleiros, ciganos e cães. As ruínas são vistas como casos de destruição, incêndios, enchentes, terremotos e desastres ferroviários (Favari, 2020). Observa-se a presença de diferentes referenciais simbólicos que favorecem a inclusão, em certo grau, da diversidade cultural no rádio e nos *podcasts*. Isso sugere uma sutil neutralização de questões relacionadas à raça e gênero. Apesar da autora realizar uma articulação com autores como Ailton Krenak para criticar o sistema econômico em vigor, o uso “irracional” de recursos naturais e a degradação ambiental, temas que reforçam a segregação social, destaca-se a ausência de territórios como as favelas, as periferias, os terreiros, as encruzilhadas, os quilombos e as comunidades indígenas; das experiências de cientistas, umbandistas, macumbeiros, indígenas, empresários, professores, gays, lésbicas, bissexuais, travestis; de crimes ambientais, desmatamentos, extrativismo e racismo ambiental, entre outras expressões, o que pode indicar um silenciamento das diversas camadas de sentidos que as atravessam.

A exploração dos dados revela que os estudos de *podcasting* brasileiros selecionados apresentam ausências quanto às pessoas responsáveis pela produção de *podcasts*, neutralização de subjetividades e silenciamento de

experiências de vida recriadas por meio do som. Essa explanação exige do campo repensar o conjunto de categorias analíticas mobilizadas, inserindo marcadores raciais que potencializam as críticas realizadas nos estudos raciais do *podcasting*.

OPERADORES SONOROS PARA ANÁLISE RACIAL DO PODCASTING COMO LINGUAGEM RADIOFÔNICA HIPERMIDIÁTICA

Os estudos analisados indicam que as questões raciais consistem em temáticas mobilizadas na elaboração de *podcasts* no Brasil, mas também apontam lacunas relacionadas à ausência, neutralização e silenciamento de subjetividades e experiências de vida dos(as) sujeitos(as) envolvidos(as). A análise realizada neste artigo propõe a abertura do campo dos estudos raciais do *podcasting*, compreendido como linguagem radiofônica hipermidiática e como espaço de disputa, afirmação e (in)visibilização de experiências racializadas, generificadas, sexualizadas e situadas em hierarquias de classe.

A pesquisadora Kilomba (2020) ao questionar: “quem pode falar?”, argumenta que o(a) sujeito(a) branco permanece com a fantasia de ver o(a) *Outro(a)* – a diferença – pela lente da subalternização, assumindo uma posição de dominação e silenciando suas vozes. Ribeiro (2019), amplia essa compreensão ao refletir sobre o privilégio branco ressalta que todos possuem lugar de fala, mas que esse lugar é socialmente atravessado por relações de poder e desigualdade racial. Lopez et al. (2025) mostram como essa dinâmica opera no meio radiofônico, especialmente ao se observar biografias de mulheres sendo narradas sob a ótica de seus pais ou maridos, apontando ausências e concessão de poder nas tomadas de decisões. Assim, compreende-se que a linguagem radiofônica hipermidiática não é neutra nem apenas técnica, mas também carece de olhares decoloniais, plurais e interseccionais.

Os caminhos traçados neste artigo destacam quatro aspectos: (i) as disputas raciais como estruturantes do processo de produção, circulação e consumo de *podcasts*; (ii) o som como elemento intrinsecamente vinculado à experiência de vida; (iii) a linguagem articulada ao corpo racializado, generificado, sexualizado e situado em uma classe social; e (iv) os territórios como espaços de disputas de poder e afirmação. Diante deste cenário, propõe-

se três operadores sonoros com o objetivo de tensionar e preencher parte das lacunas apontadas ao longo do texto: **estrutura racial do som**, **experiência sonora situada** e **cartografia sonora afetivo-racial**. Essas categorias contribuem para uma empreitada inicial rumo à consolidação do campo dos estudos raciais do *podcasting*.

O operador sonoro **estrutura racial do som** pode ser acionado para realizar a análise das escolhas técnicas que precedem e estruturam a produção de um *podcast*. Trata-se da construção de um argumento que compreende a voz e a corporeidade da voz, percebida por timbres, entonações, gestualidades e intenções inscritos que ativam o corpo-voz (Balsebre, 1994; Spritzer, 2005) e inclui aspectos auditáveis do som que operam pagamentos ao reproduzirem padrões sonoros brancos como norma (Meditich e Betti, 2019). Elementos como a escolha de músicas e de efeitos sonoros compostas por pessoas não brancas e com o uso de instrumentos musicais de matrizes culturais diversas (Balsebre, 1994). O uso de gírias e expressões populares de comunidades de povos não brancos (Pessoa, 2005). Os padrões de circulação no ambiente *web* (Bairon, 2012). Refere-se a escolha dos *layouts* de sites, *aplicativos*, imagens e textos que refletem padrões que rompem com os branco normativos (Oliveira-Lopes, 2025). Isso influencia as lógicas de funcionamento dos serviços de *streaming*, recomendações e etc (Silva, 2022; Aguiar e Silva, 2024; Sullivan, 2024; Gariglio et al., 2024; Lopez et al., 2023c).

Enquanto o operador anterior age sobre os aspectos materiais e técnicos do som digital, a **experiência sonora situada** foca na forma como a vivência de sujeitos(as) não brancos são sonoramente inscritas no *podcast*. Aqui a linguagem radiofônica hipermidiática torna-se lugar de expressão, por exemplo, por meio da música é possível construir e descrever personagens complexos. O efeito sonoro é capaz de recriar tonalidades psicológicas enquanto o silêncio pode ativar movimentos afetivos (Balsebre, 1994). Sabemos que as experiências de sujeitos(as) não brancos são marcadas por contextos de violência, traumas e desrespeito em relação às diferenças que são atravessadas por desigualdades raciais e hierarquias de classe, especialmente quando essa realidade tensiona os privilégios da branquitude por meio da escuta (Ribeiro, 2019).

Diferentemente do operador anterior a **cartografia sonora afetivo-racial**, se relaciona com a identificação de territórios e afetos inscritos na ambiência

sonora. Esse operador sonoro pode ser utilizado para a análise de espaços, sejam eles físicos, simbólicos ou de memória. Sabemos que estes ambientes fazem parte de uma realidade referencial inscrita na memória do sujeito(a) – que transporta para uma ação sonora e para a escuta um mundo visível (Spritzer, 2005) –, podendo criar atmosferas por meio do uso de efeitos sonoros e descrever ambientes que compõem uma cena sonora, despertando sentimentos através da música (Balsebre, 1994). Essa observação permite que sejam analisados os territórios que atravessam o produto midiático sonoro digital que carregam consigo marcas de memórias, afetos e disputas. Krenak (2019) ao discutir diferentes perspectivas de apropriação do Rio São Francisco nos revela que para o seu povo o rio é visto como um parente, algo sagrado que transcorre e renova a vida na natureza, enquanto para o sistema econômico em vigor o rio é visto como um recurso de onde podem extrair matéria-prima em benefício de suas atividades econômicas. Um exemplo seria a presença de um som ambiente de roda de capoeira ou de batidas de tambor que sugerem práticas afro-brasileira, ativando territórios afetivos construídos no imaginário coletivo desses povos e que resistem ao apagamento histórico.

Esses operadores sonoros não se filiam ou se limitam a uma abordagem metodológica específica. Podem ser articulados a procedimentos como a cartografia, a análise de discurso, a análise narrativa e outras estratégias de análise, inclusive com a escuta sendo realizada com apoio de *softwares* de edição e visualização sonora. Sua aplicação exige a construção de um referencial teórico capaz de articular a escuta com epistemologias plurais, críticas à branquitude, ao racismo estrutural e à decolonialidade, em diálogo com autoras e autores como Cida Bento, Carla Akotirene, Grada Kilomba, Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Lélia Gonzales, Conceição Evaristo, Renísia Cristina Garcia, Nilma Lino Gomes, Kabengele Munanga, Silvio Luiz de Almeida, Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Denilson Baniwa, Debora Lopez, Juliana Gobbi Betti, Evandro José Medeiros Laia entre outros. Assim, construímos caminhos iniciais para tensionar as escutas normativas e visibilizar experiências sonoras diversas, sejam elas: negras, feministas, indígenas, periféricas e dissidentes, colaborando para consolidação do campo dos estudos raciais do *podcasting*.

CONCLUSÃO

Neste artigo, partimos da compreensão de que o *podcasting* é uma linguagem radiofônica hipermidiática, reconhecemos a necessidade de assumir uma perspectiva que articule a multidimensionalidade do objeto radiofônico com as epistemologias plurais. Essa articulação se faz necessária para construir uma arquitetura metodológica voltada ao desenvolvimento de estudos científicos que abordem as questões raciais no *podcasting*. Hipotetizamos que os estudos de *podcasting* abordam a temática racial em segundo plano, apresentando categorias analíticas que replicam as histórias de silenciamento, apagamento e neutralização por meio de análises que carecem de marcadores racializados.

Diante disso, nosso objetivo foi propor operadores sonoros que viabilizem o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas brasileiras em *podcasting* centradas nas questões raciais. Para tanto, metodologicamente adotamos uma abordagem qualitativa e propositiva a partir do método cartográfico combinado com a revisão narrativa de literatura. Com um recorte das teses e dissertações sobre o tema, encontradas no *Banco de dados: Teses e dissertações sobre podcasting - 2004 a março de 2023*, sistematizado pelo *Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo* (ConJor).

É válido destacar que este artigo não tem intenção de deslegitimar os estudos aqui analisados, mas sim contribuir com novas perspectivas para os estudos radiofônicos. Partimos de um recorte que limita afirmações generalistas do campo dos estudos radiofônicos, mas é adequado para apontar as pistas necessárias para a proposição de operadores sonoros para futuras pesquisas científicas. Salientamos que os operadores sonoros propostos constituem um passo inicial para a consolidação de um campo de estudo racial da linguagem radiofônica hipermidiática, abrindo caminhos para novas abordagens, estudos empíricos e proposições teórico-metodológicas. Além disso, eles não se filiam a nenhuma abordagem metodológica específica estando abertos para aplicação em diferentes tipos de estudos e deve ser articulado a um referencial no campo das questões raciais.

Ao longo do texto buscamos pistas para construção dos operadores sonoros realizando uma análise de como as questões raciais são inscritas nos estudos de *podcasting* brasileiro, revelando que os estudos foram defendidos e orientados majoritariamente por homens, em Programas de Pós-graduação

Profissionais (PPGs) no campo da educação especialmente na área do Ensino de História. O método mais aplicado por estes estudos foi a sequência didática, como subsídio para elaboração de um *podcast*. Observamos que os estudos abordam as questões raciais em segundo plano, como tema em ambientes institucionais de ensino. Essas pistas revelaram as categorias “enunciador”, “narração” e “território”.

Na sequência, observamos como essas categorias são acionadas nos estudos de *podcasting* desenvolvidos no Brasil. Observamos que não foram encontrados trabalhos que focam na figura do(a) sujeito(a) enunciador(a). Identificamos um estudo que trata de forma técnicas e neutra a linguagem radiofônica e um estudo que silencia a diversidade de espaços e sujeitos. Os estudos foram definidos em PPGs acadêmicos por um autor e orientador homem e por uma autora e orientadora mulher.

Defendemos que a linguagem radiofônica hipermidiática não é neutra, nem técnica. Mas sim um campo de disputa simbólica e política atravessado por marcadores sociais da diferença. Apontamos que estudos futuros dediquem esforços para responder quais são as aproximações entre enunciador e *podcaster*, Sugerimos também que a aplicação dos operadores sonoros sejam testados em breve. Bem como, reproduzam o estudo aqui proposto a outras produções científicas e não institucionalizadas para a proposição de novos operadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Pablo Andrade. **As margens no centro: *podcast* Trajetórias Periféricas, Memórias Contra-Hegemônicas**. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

AGUIAR, Carlos Eduardo Souza; SILVA, Dayana K. Melo da. Tecnologia e decolonialidade: arranjos insurgentes e a questão comsotécnicas. **Tecnol. Soc.**, Curitiba, v. 20, n. 62, p.114-127, out./dez., 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpr.edu.br/rts/article/view/17061> Acesso em: 20 de jun. de 2025.

ALVES, João Vitor De Almeida Brito. **Análise estrutural da narrativa sonora aplicada ao *podcasting*: um estudo de “Caso Evandro”**. (Dissertação de Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de

Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2021. 100 f.

ASSIS, Pablo de. O Imaginário do Rádio e o Podcast. **Comunicologia - Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília**, v. 4, n. 2, p. 84-106, 15 dez. 2011.

BAIRON, Sérgio. **O que é hipermídia**. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Coleção Primeiros Passos, 342). 1ª reimpr. da 1ª ed. de 2011.

BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In.: **PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana da. Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção da subjetividade**. (Orgs). Porto Alegre: Sulina, 2009. 207p.

CAVALCANTE, Livia Teixeira Canuto e OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)** vol.26 no.1 Belo Horizonte jan./abr., 2020.

CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

FAVARI, Cesira Elisa de. **Narrativas benjaminianas: descrição e engenhosidade como figuras pedagógicas possíveis**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara.

GARIGLIO, Livia; LOPEZ, Debora Cristina; FREIRE, Marcelo & VIEIRA, João Victor Costa Marcenés. Uma periodização do RSS como tecnologia de circulação de áudio: 25 anos depois. In.: **XVII Congresso da Associação Latino-Americana de Investigadores em Comunicação**, Unesp, Bauru, 2024.

JÁUREGUI, Carlos; LOPEZ, Debora Cristina. Sonificação de dados: uma aproximação metodológica. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação In.: **44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Virtual**, 2021.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In.: **PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana da. Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção da subjetividade**. (Orgs). Porto Alegre: Sulina, 2009. 207p.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo (Nova edição)**. Editora Companhia das letras, 2019.

LOPEZ, Debora Cristina; CHAGAS, Luãn José Vaz. A multidimensionalidade do objeto radiofônico: caminhos para compreender o debate. **Esferas**, n. 23, p. I-XIII, 2022.

LOPEZ, Debora Cristina; JÁUREGUI, Carlos; FREIRE, Marcelo; QUADROS, Mirian; MEIRELES, Norma; KOCHHANN, Roscéli; SENA, Marcelo; SILVA, Thiago; LOPES, Vitor Hugo de Oliveira & GARIGLIO, Livia. Estudos de podcasting: panorama da pesquisa em teses e dissertações brasileiras (2004-2021). In.: **46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – PUC MINAS, 2023. Anais. Belo Horizonte: Intercom, 2023a.**

LOPEZ, Debora Cristina; CORTEZ, Natália; JÁUREGUI, Carlos, & FREIRE, Marcelo. Platformed listening in podcasting: An approach from material and scales potentials. **Convergence**, 29(4), 836-853, 2023c.
<https://doi.org/10.1177/13548565231182608>

LOPEZ, Debora Cristina; FREIRE, Marcelo; JÁUREGUI, Carlos; LOPES, Paulo Fernando; MEIRELES, Norma; QUADROS, Mirian; KOCHHANN; Roscéli; ALVES, João; SENA, Marcelo; SILVA, Thiago; LOPES, Vitor; ALMEIDA, Amanda; ANDREATA, Laene; GARIGLIO, Livia; ZAGO, Júlia. Teses e dissertações sobre podcasting - 2004 a março de 2023. In: **Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo**, 2023b. Disponível em:
<https://www.conjor.com.br/datasets>

LOPEZ, Debora Cristina. A complexidade do podcasting como fenômeno. **Cultura do Podcast**, p. 11, 2024.

LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Gobbi.; ROZA, Sabrina; DA SILVA, Ariane Stefanie. Perspectivas interseccionais nos estudos radiofônicos: articulações na pesquisa brasileira. **Encuentros Latinoamericanos (segunda época)**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 161–181, 2025. DOI: 10.59999/el.v9i1.2633. Disponível em: <https://ojs.fhce.edu.uy/index.php/enclat/article/view/2633>. Acesso em: 27 jul. 2025.

MEDITSCH, Eduardo; BETTI, Juliana Gobbi. Os elementos sonoros na análise da informação radiofônica: em busca de métodos. In.: **17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Goiânia. Anais do 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Goiânia: SBPjor, 2019.**

MEIRELES, Norma; OLIVEIRA, Sheila Borges de; LOPES, Paulo Fernando de Carvalho e MONTEIRO, Patrícia. O espaço da metodologia nos artigos sobre rádio na compós entre 2000 e 2022. **Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília - Comunicologa**, 2024.

OLIVEIRA-LOPES, Vitor Hugo de. **Revirando Pelo Avesso, a análise de discurso em *podcast* narrativo de ciência**: uma proposta metodológica. (Dissertação de Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2025. 136f.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 7ª Edição. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PADILHA, Luis David Falcão. **Os elementos da linguagem sonora nos *podcasts* jornalísticos em *The tip off*, *Panorama CBN*, *O Assunto* e *On the media***. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina,

Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2022. 132p.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia e ESCÓSSIA, Líliliana da. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção da subjetividade**. (Orgs). Porto Alegre: Sulina, 2009. 207p.

PRATA, Nair, AVELAR, Kamila, & MARTINS, Henrique Cordeiro (2021). Podcast: a research trajectory and emerging themes: Podcast: trajetória de pesquisa e temas emergentes. **Comunicação Pública**, 16(31), 2021. <https://doi.org/10.34629/cpublica.67>

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das letras, 2019.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. v–vi, abr. 2007.

SANTOS, Luan Correia Cunha. **Deglutimos um podcast?** (Trans)territorialidades amazônicas como (re)existências nos processos de disputa da *podosfera* brasileira. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Boa Vista, 2022. 163f.

SILVA, Tarcízio. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiaspóricos**, p. 121-135, 2020.

SULLIVAN, John L. **Podcasting in a Platform Age: From an Amateur to a Professional Medium**. London : Bloomsbury Publishing, 2024 - 296 p. Bloomsbury Podcast Studies - ISBN: 9781501380679

TIGRES, Rodrigo. **Podcast S/A: Uma revolução em alto e bom som**. São Paulo, SP: Editora Nacional, 2021.

Vitor Hugo de Oliveira-Lopes

Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Lavras (2022), obteve experiência em Biologia Molecular, Ecologia Urbana, Nanotecnologia e Educação Ambiental. Durante a graduação, adquiriu habilidades em Marketing e Comunicação, atuando voluntariamente em entidades acadêmicas e estagiando em Marketing no Grupo SN. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e, atualmente, é Graduando em Jornalismo (Bacharelado)

pela UFOP. Participa como pesquisador no Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (Conjor), integra o projeto "Metodologias de pesquisa para os estudos radiofônicos: desafios para entender o campo" e o projeto "Metodologias de pesquisa para os estudos radiofônicos mineiros sob a perspectiva de gênero". Realizou Estágio docente na disciplina Jornalismo Socioambiental na graduação em jornalismo da UFOP. Com interesses de pesquisa em análise de discurso sonoro, estudos radiofônicos, comunicação de ciência, métodos digitais e estudos de raça e racismo.

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/9811461156198309>
